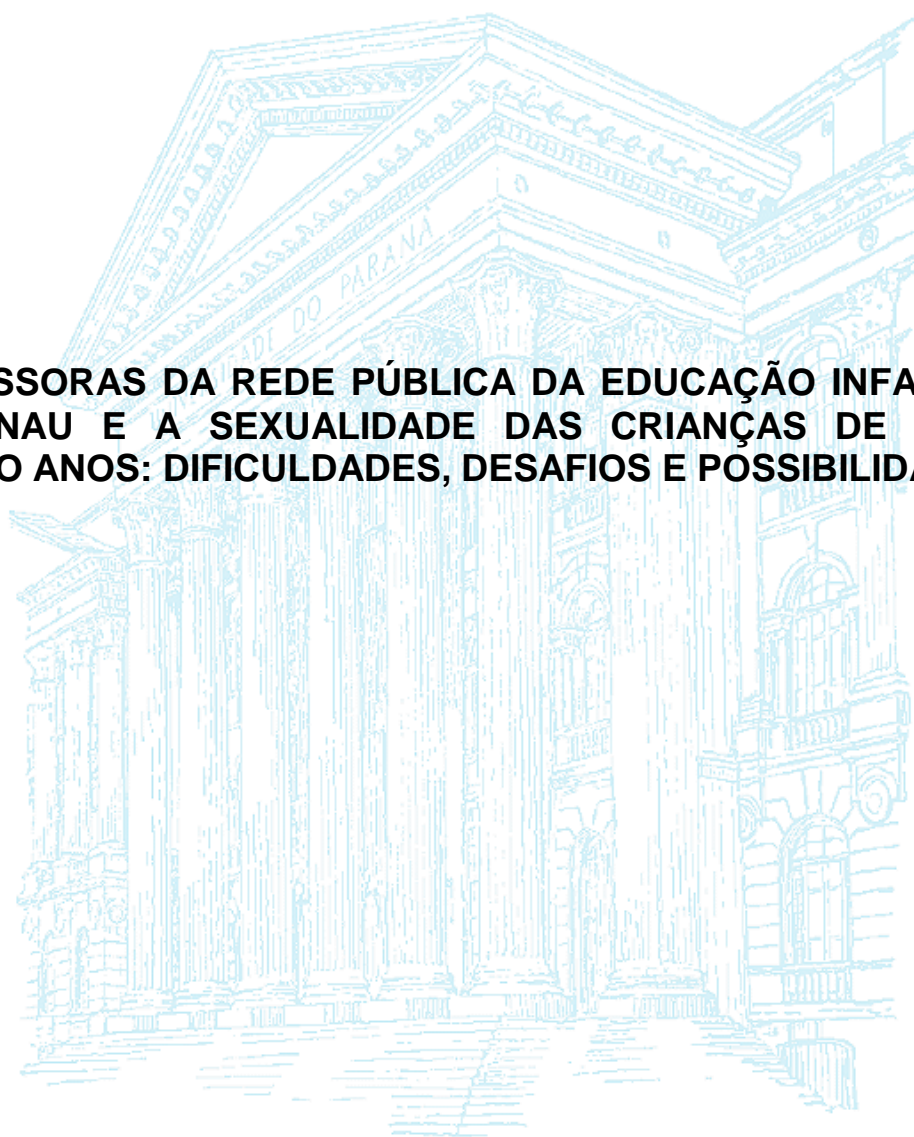


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AMANDA WERNER

**PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE  
BLUMENAU E A SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS DE TRÊS A  
QUATRO ANOS: DIFICULDADES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**



BLUMENAU  
2016

AMANDA WERNER

**PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE  
BLUMENAU E A SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS DE TRÊS A  
QUATRO ANOS: DIFICULDADES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Magda Tânia Martins da  
Silva

BLUMENAU  
2016

# PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE BLUMENAU E A SEXUALIDADE DAS CRIANÇAS DE TRÊS A QUATRO ANOS: DIFICULDADES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES.

Amanda Werner <sup>1</sup>;  
Magda Tânia Martins da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Formada em Pedagogia, Faculdade de Tecnologia e Negócios Carlos Drummond de Andrade, Pós-Graduada pela UFPR Litoral; E-mail: mandaviola13@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Pedagoga UEM, Especialista em Educação Infantil, Séries Iniciais UNINTER.  
magda21martins@gmail.com

**Resumo:** A educação Infantil, primeira etapa da educação básica, é concebida como importante momento para a construção da subjetividade do ser. Essa construção vem acompanhada também pelo desenvolvimento sexual da criança. O presente artigo tem como objetivo explicitar como algumas das professoras da educação infantil podem discutir a sexualidade na faixa etária que compreende dos três a quatro anos em duas instituições de educação infantil no município Blumenau-SC. A escolha de seis educadoras se deu levando-se em conta seu tempo de serviço e sua formação. Consideramos viável o emprego da pesquisa qualitativa, por meio de um questionário aberto, formulado com sete perguntas para coleta de dados. Entrelaçado a este momento, tivemos ainda, a oportunidade de uma conversa franca sobre a temática: as dificuldades, os conflitos e as possibilidades, vivenciadas nos Centros de Educação Infantil. Também houve a possibilidade da exposição de filmes e reportagens, enriquecendo o debate e incitando maiores reflexões, mesmo após o encerramento deste artigo. Nossa pesquisa está apoiada numa gama de autores que já discutem temáticas relativas à sexualidade e educação, entre eles, citamos: Bazílio e Kramer, Freire, Minayo, Nunes e Silva, também o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e as Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação Básica, este último, como sendo o principal apoio para planejamentos das atividades dos CEIS de Blumenau, elaborado com a participação dos profissionais da educação de Cidade. Ao buscar entender como as professoras lidam com a sexualidade na educação infantil, verificamos que a insegurança, a escassez de formações sobre o tema e o próprio preconceito são os resultados que permeiam as dificuldades para conceber uma proposta de educação para a sexualidade das crianças de três a quatro anos.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Professoras; Sexualidade

**Abstract:** The Children's education, first stage of basic education, is conceived as an important space for the construction of the subjectivity of being. This construction is also accompanied by the child's sexual development. This article aims to explain how teachers of early childhood education see and discuss sexuality in the age group comprising of three to four years, in the city of Blumenau, SC. To this end, we chose qualitative research through an open questionnaire to collect data. We also interwoven to this moment, the opportunity for a frank discussion with these educators on the themes: the difficulties, conflicts and possibilities experienced in early childhood education centers. Our research is supported by a range of authors; among them we quote Bazílio & Kramer, Freire, Minayo, Nunes & Silva, also in the

National Curriculum Reference for Early Childhood Education and Municipal Curriculum Guidelines for Basic Education. In seeking to understand how teachers deal with sexuality in early childhood education, we found que insecurity, lack of training on the subject and prejudice itself are the results que pervade the Difficulties to design a proposal for education for sexuality of children three to four years.

**Keywords:** Childhood education; Teachers; Sexuality

## INTRODUÇÃO

Professores, crianças e o desenvolvimento sexual na educação infantil: um tema permeado de tabus, preconceitos e por muitas vezes ignorado nas instituições de educação infantil. O ser é sexual: antes mesmo do nascimento a sexualidade é presente na vida de todos e deveria ser encarada como natural.

A família quando sabe da gravidez já pressupõe os hábitos futuros da criança quando o sexo é descoberto no ultrassom como, por exemplo; meninas usarão rosa e deverão ter uma conduta característica com o sexo biológico. Mesmo que o debate aconteça incessantemente e venha se transformado através de movimentos das minorias sobre questões de gênero, raça/etnia e sexualidade; ainda paira sobre nossas cabeças a insegurança do que não entendemos ou pior, que no nosso íntimo não aceitamos.

É na primeira infância que o ser vai se constituindo como único: suas subjetividades são alicerçadas pelas experiências desde o nascimento e se intensificam quando o meio muda, inclui-se aí o desenvolvimento sexual. Como escreve Orrú (2008, p.29): “Desde pequena a criança constrói seu comportamento a partir da influencia do que acontece, (...) no processo social em sua relação com outras pessoas”. Os Centros de Educação Infantil CEIs recebem crianças entre seis meses e cinco anos de idade, onde permanecem até doze horas.

Vale ressaltar, que muitos passam mais tempo na unidade do que com seus pais e consequentemente são os professores que convivem e participam das experiências e vivências destas crianças. Consequentemente, o pedagogo deve estar preparado, como escreve Freire (2008, p. 37): “Todo educador dirige, direciona processos de crescimento para a autonomia.” Assim, um dos grandes desafios para a instituição e professor está intimamente ligado à autonomia: lidar com a temática sexual com crianças tão pequenas, que expressam sua sexualidade livremente sem o peso dos tabus ou vergonha, além das novas formações familiares, preconceitos de gênero. Segundo Guerbet (2008, p. 01): “O trabalho pedagógico desenvolvido na

educação infantil deve oportunizar momentos de trocas sociais (...) e construir conceitos e princípios na criança de zero a cinco anos.” Não é raro relatos de professores que não sabem como proceder ao ver duas crianças tendo comportamentos considerados por eles como “não natural” ou com alguma fala sobre sexo: geralmente as crianças são reprimidas e o acontecimento passa no que podemos dizer, “boca a boca”.

Ao longo dos anos os estudos voltados para a educação infantil, habilidades desenvolvidas nas áreas afetiva e cognitiva e novas tendências a serem utilizadas têm-se ampliado e reforçado a importância que esta fase compõe na formação do indivíduo.

Segundo Bazílio e Kramer (2011, p. 94): “Ao longo deste século, cresce o esforço pelo conhecimento da criança em vários campos: nas diversas correntes da psicologia e da psicanálise; na história, em particular na história social da criança e da família.” Em contrapartida, na busca por material para compor este artigo percebemos como é diminuto a quantidade de títulos voltados à sexualidade infantil para essa idade, o que vai a contramão dos milhares estudos relacionado à criança.

Porque há a dissociação do sexual e crianças nesta fase? A partir de minha experiência como professora de Educação Infantil, presenciei situações de crianças de quatro anos reprimidas por “gostar de coisas de mulher” com pais pedindo intervenção das professoras e diretora para que não deixassem mais seu filho brincar de casinha ou de bonecas. Este episódio envolveu todas as crianças da sala: elas mesmas quando viam os pais da criança em questão chegando para buscá-lo, corriam para a porta contar se ele tinha ou não brincado de bonecas. Percebemos a o mal estar de todos na unidade de ensino, pois elas mesmas não estavam seguras de como agir, já que “demonstrava” todos os trejeitos afeminados e com certeza teria de ser encaminhado ao psicólogo.

Este acontecimento exterioriza o despreparo profissional, fazendo que o mesmo trate questões tão sérias para nossas crianças, baseados no “achismo”, nos seus preconceitos, no contexto social e disciplinador do qual cada uma vivenciou. Exemplos como estes deram o pontapé para o início deste trabalho. Os profissionais de Educação Infantil educam crianças que através do seu exemplo podem propagar o sentimento de preconceito e erro ao seguirem o padrão imposto pela sociedade.

Assim, Vygotsky escreve (2007, p. 8): “A criança, à medida que se torna mais experiente, adquire um número cada vez maior de modelos que ela compreende”. Afinal, que modelos estão os profissionais de educação repassando? O que pensam realmente os pedagogos sobre as didáticas e métodos sobre a sexualidade na idade de três e quatro anos? Como se posicionam frente às manifestações das crianças? Sentem-se preparados para lidar com situações tão ambíguas que envolvem as famílias? Têm formações, livros ou palestras para auxiliarem nas questões de sexualidade, para se inteirarem quanto novas nomenclaturas ou o que predomina é a opinião pessoal de cada uma? Para Freire (2009, p. 39): “Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”.

Diante do exposto, adotamos uma abordagem qualitativa no processo investigativo e na análise das informações, como grupo de discussão: sugerimos uma conversa realista e franca através de perguntas simples com seis professoras dessa faixa etária para que as mesmas relatassem sem constrangimento o que sentem quais as dificuldades, seus próprios receios ao enfrentarem situações voltadas à sexualidade de suas crianças.

Acreditamos que o relato sincero das profissionais, pode ser um início do caminho a ser trilhado. Partindo da perspectiva em desvendar quais as dúvidas dessas professoras de Educação Infantil têm sobre sexualidade e infância, o objetivo desse trabalho é conhecer e identificar o que elas têm a dizer sobre suas convicções quanto à sexualidade e o contexto do qual se formaram. Intencionamos articular e debater sobre os impasses e as dificuldades, frente às situações vivenciadas por elas no contexto da Creche III e Pré Escola I.

Este artigo visa colaborar com as docentes que trabalham na faixa etária de três a quatro anos a refletirem sobre sua própria formação acadêmica, seus preconceitos e atitudes sobre a temática sexualidade e crianças.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho aborda a dificuldade e insegurança de algumas professoras ao se depararem no cotidiano escolar com temas que envolvem a sexualidade, inclusive na educação infantil, faixa etária compreendida dos seis meses aos cinco anos de idade.

Para tanto, buscamos promover um diálogo junto a estas profissionais no intuito de compreender como são trabalhadas as questões sexuais e como são orientados os casos específicos pela instituição de educação infantil.

Para isso, foram elaborados juntamente a seis professores de dois Centros de Educação Infantil, localizados em Blumenau, que tem uma condição social diferente e por apresentarem características relevantes para o artigo: o tempo de trabalho das entrevistadas com as crianças; o trabalho didático/pedagógico que é desenvolvido nas unidades escolares, a importância que os profissionais da educação veem a construção integral da criança (desenvolvem projetos sobre sustentabilidade, alimentação e participaram da feira de matemática: foram premiados com destaque na feira nacional) e a condição social: as crianças do CEI “A” em sua maioria são moradores da periferia (a sua maioria vive no assentamento); enquanto os do “B” moram num bairro bem localizado.

A faixa etária das crianças das quais as professoras em questão são responsáveis, variam entre três anos (Creche III) e quatro anos (pré I), escolhidas por serem turmas com mais autonomia e que trazem experiências com seus familiares também para o CEI, ou seja, é um ciclo de aprendizado tanto para a instituição quanto para a criança e família.

Utilizamos a abordagem de pesquisa qualitativa, com uma amostragem pequena de coleta de dados (seis entrevistadas que devolveram cinco questionários escritos), juntamente a grupos de reflexão, pois entendemos que através da troca de informações, com significados e valores, numa conversa informal, que viabilizamos as professoras melhor expressar-se, destituídas de suas amarras quanto à obrigatoriedade pedagógica.

Acerca da pesquisa escreve Minayo (1998, p. 105): “Na pesquisa qualitativa a interação entre pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial”. Para tanto, elaboramos um roteiro a ser seguido, com questões abertas (gravadas) e que deem total liberdade ao entrevistado nas suas respostas e também um *feedback* para os envolvidos a fim de fomentar o debate e promover a partir dos sentimentos e fragilidades dos que fazem a educação infantil, possibilidades de mudanças.

Quanto ao roteiro Minayo (1998, p. 99) explica: “Instrumento para orientar uma conversa com finalidade que é a entrevista, ele deve ser o facilitador de abertura, de ampliação e aprofundamento da comunicação”.

A fundamentação teórica partiu de pesquisas bibliográficas, complementada com informações das instituições, bem como os documentos que a secretaria de educação de Blumenau disponibiliza nos CEIS para as professoras realizarem seus planejamentos e estudos nas horas atividades.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Tratar de sexualidade das crianças seja ela em casa ou nas instituições de educação infantil ainda é um assunto que se mostra restrito. Constrangimentos, rótulos e invisibilidade são comumente trazidos à tona.

Percebe-se que ainda é forte no inconsciente coletivo a ideia de que a sexualidade só aparece na juventude, quando os hormônios “estão em alta, o comportamento sexual vai aflorando”, juntamente a outras transformações que ocorrem nesta fase. Até então, as crianças comumente são separadas em meninos e meninas: em casa pelos pais quando já tem estabelecido todo o percurso de sua vida sendo ela menino ou menina e na educação infantil, com brinquedos e brincadeiras separadas por gênero. Para Barreto, Araújo e Pereira fica explicitada esta condição: “Desde que nascemos somos educados/as para conviver em sociedade, porém de maneira distinta, caso sejamos menino ou menina”. (2009, p. 48).

A Educação Infantil desempenha papel fundamental ao desenvolvimento da criança de zero a cinco anos juntamente com a família: a relação entre os dois segmentos faz parte da base de construção para a formação da criança.

Ela é considerada primeira etapa da educação, com momentos de intensa manifestação de carinho, práticas pedagógicas, cuidados e direcionamentos para contribuição do surgimento de um sujeito integrado. Desta forma, é preciso que o professor conheça claramente sobre a concepção de criança, suas fases de desenvolvimento e características específicas. Trazemos Paro a fim de elucidar este pensamento:

“Significa que ele vai-se tornando mais humano (histórico) à medida que desenvolve suas potencialidades, que a sua natureza vai acrescentando cultura, pela apropriação de conhecimentos, informações, valores, crenças, habilidades artísticas etc.” (PARO 2008, p. 25).



Porém, este papel que deveria ser de complementação, tem muitas vezes a função de substituto: por trabalhar com crianças tão pequenas, que passam quase doze horas nos Centros de Educação Infantil, os olhares para a instituição e professores são de “cuidadores” ou “tias”. Segundo Faria e Palhares, (2005, p. 103):

“A educação infantil integra a educação básica juntamente com o ensino fundamental e médio. Ou seja, por lei, a educação infantil é um nível de ensino e isto traz consequências para o perfil do profissional que atua neste campo”.

Não é raro, manifestações de professores que lutam por reconhecimento e melhores condições de trabalho. A afirmação acima é vital quando conversamos com as professoras na entrevista e percebemos que o não reconhecimento da sua importância como alguém capacitado, afeta sua autoestima e consequentemente sua postura no trabalho.

A relação entre pais e professores deve ser de reconhecimento e complementação das suas funções. Segundo a fala de uma das professoras:

“Os pais acham que as professoras são unicamente responsáveis pelas crianças, suas roupas, seu banho, sua comida, sua troca de fralda... chegam e perguntam se comeram e dormiram, mas nunca quais foram às atividades que fizemos hoje. Acham que sou babá e me chamam de tia. Isso é revoltante!”. (J. Professora da creche III).

Relatos como este estão espalhados em entrevistas, reportagens e conversas: elas sabem de sua importância, estudam, fazem cursos, mas quando estão trabalhando pouco daquilo que aprenderam, parece ser de fato utilizado.

Este é o ponto que entrelaçamos nossa pesquisa com o pequeno relato acima, ou seja, o conhecimento científico dá espaço ao senso comum. E a sexualidade não pode ser abordada por este prisma; de pais, de professores, de gestores. Torna-se necessário que a sexualidade seja amplamente discutida, refletida e entendido nos seus aspectos e em todas as fases da educação.

A grande questão é que, na educação infantil, tanto os pais quanto os educadores ainda não percebem a sexualidade como algo a ser trabalhado e o não o fazer pode acarretar problemas futuros como relata: Vitiello (1997, p.36):

“A omissão e a negação da existência da sexualidade na infância deixa que este aspecto do conhecimento humano se desenvolva sem condições de vigilância de suas condições, podendo ocorrer desvios e intercorrência que permanece na vida adulta”.

Falar de sexualidade requer abolir preconceitos, refletir sobre atitudes. No desenvolvimento das crianças de três a quatro anos os questionamentos trazidos por elas, serão baseados mais em gêneros (menino não usa cabelo comprido, por exemplo) e nas manifestações sexuais (beijo na boca, masturbação). Essas situações que mechem com nossos conceitos mais íntimos:

“Quando eu vi, os dois lá no canto da parede com seus genitais a mostra se esfregando fiquei paralisada, a única coisa que pensei foi: e agora?” (M. professora creche III).

Isso nos fez refletir com Nunes e Silva:

“Tratar de sexualidade na escola requer o alicerce de uma concepção científica e humanista de sexualidade, superando o senso comum, [...] entre as dificuldades abordadas pelos professores [...], na questão sexualidade, a maioria aponta a ausência de fundamentos científicos na análise de comportamentos, baseando-se sempre em elementos mais conservadores e tradicionais de uma cultura repressiva e negativista do sexo e suas dimensões reforçadas pela família, pela religião e pela própria escola.” (Nunes e Silva, 2000, p. 74).

Esse tipo de observação nos convence que a insegurança da professora ao lidar com a situação, parte da falta de conhecimento sobre sexualidade infantil. Ter acesso a material didático sobre o tema, palestra, reflexões, contato com outros profissionais especializados em formações dadas pela prefeitura de Blumenau, é necessário e primordial para um professor bem informado e capacitado.

Em julho de 2015 a Câmara de Vereadores de Blumenau, aprovou o Plano Municipal de Educação das vinte e quatro emendas e duas subemendas foram aprovadas, porém as emendas sobre ideologias de gênero foram rejeitadas, após manifestações e conflitos no espaço da votação. A notícia foi veiculada no Jornal de Santa Catarina on-line (2015):

“Entre as emendas rejeitadas estão os textos que tratam sobre a ideologia de gênero. Alterações em duas subemendas e uma emenda agora proíbem a inclusão das expressões “ideologia de gênero” e “orientação de gênero” em todos os documentos da educação e, em especial, nas diretrizes curriculares e em documentos complementares ao Plano Municipal de Educação. A proibição também se aplica à distribuição e confecção de material na rede pública de ensino que tenha como referência a orientação das políticas de gênero, ideologia de gênero, orientação de gênero”.

Essa notícia representa o quanto temos que esclarecer debater, refletir, entender e trabalhar a sexualidade, o discurso de gênero e toda sua amplitude. Quando a sociedade tem a visão deturpada aos assuntos ligados a gênero e diversidade é quase impossível à aceitação da uma lei a ser vigorada no âmbito escolar. Um por exemplo, dado por uma professora na entrevista nos permite perceber como o assunto é tratado:

“Estou na rede municipal há cinco anos e todo ano tem formação para os professores. Formações que acontecem há pelo menos uns dez anos... Não tem uma formação sobre sexualidade por exemplo. Ah, esse ano teve uma sobre inclusão e começaram a falar sobre sexualidade, porque agora temos que nos preparar para lidar com diversas formações familiares... foi horrível. Pois começaram a falar sobre homossexualidade e teve aqueles comentários sabe? (...) Daí tu já vê, se a gente não sabe lidar com situações entre adultos, no meio de pessoas formadas, com estudo, imagina quando acontece com crianças”. (F. professora do Pré I).

Nunes e Silva afirmam (2000, p. 106): “Toda educação sexual implica uma reeducação da própria sexualidade. Só transmitimos com segurança aqueles conceitos e valores que nos convencem”. A educação sexual deve ser compreendida como natural e amparar-se em documentos legais, leituras, vídeos e conversas pode sanar e agregar conhecimento.

Em Blumenau temos “As Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação Básica de Blumenau”. Este documento foi elaborado de forma democrática, com a participação de educadores, professores, coordenadores pedagógicos, gestores escolares, equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação e Universidade Regional de Blumenau – FURB.

No planejamento diário as professoras dos CEIS da cidade, norteiam suas tarefas e constroem suas atividades a partir dele. Temas como sociedade, cultura, oralidade, texto, natureza, som, identidade entre outros e suas respectivas características são detalhas a partir de zero a dois anos/ dois a três anos/ três a cinco anos. Somente no quadro de três a cinco anos aparece em conceito:

Gênero com o objetivo: descrever diferenças e semelhanças entre seus pares, para reconhecerem suas características físicas, sociais, culturais e de singularidade. Possibilidades metodológicas: Pesquisa em várias fontes: livros, internet, entrevistas, sobre as diferenças físicas entre meninos e

meninas, e diferenças sociais entre homens e mulheres. (Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação Básica de Blumenau, 2012 p.100).

Isto exemplifica os olhares que temos sobre o ensino na educação infantil: questões sobre sexualidade são praticamente nulas e questões de gêneros (tradicionais) são repassadas a partir dos três anos, enfatizando a diferença histórica entre homens e mulheres, excluindo qualquer coisa que seja diferente a isso.

Porém o RECNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) salienta: “A compreensão da sexualidade como um processo amplo, cultural e inerente ao desenvolvimento das crianças pode auxiliar o professor diante das ações exploratórias das crianças ou das perguntas que fazem a respeito do tema”. (1998, p.19).

Também os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1995) nos trazem informações pertinentes a Orientação Sexual, Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Estudos Econômicos, como temas transversais. As entrevistadas relataram que tem acesso a esses documentos e usam para sua prática diária, porém se detêm a outros aspectos do desenvolvimento infantil e não nas questões de sexualidade e de gênero. Como relata outra professora:

“(...) A situação do professor é difícil: mandam no papel o que a gente vai ter que trabalhar, olha só essa discussão toda de gênero, que confusão. E daí o que acontece: o pai e a mãe que são religiosos, evangélicos, já vieram questionar a gente. Claro, porque quem responde é o professor sempre. (...). Nem a gente sabe direito o que vai falar”. (N. Professora Pré I.)

As professoras não devem ser meras reprodutoras de conhecimento e sim entender o papel da sexualidade e seus contornos no desenvolvimento da criança, para desta forma, obter confiança nas atitudes e conversas quando for questionada pelos pais. Com as entrevistas realizadas, foi constatado que as professoras não tiveram cursos de aperfeiçoamento sobre o tema e sua formação sobre sexualidade foi quase inexistente.

Há na fala dessas profissionais o receio de conversar com os pais e “serem mal interpretadas”. Das seis professoras, todas elas preferem não falar e não trabalhar a sexualidade. Porém, reconhecem que isso se dá por não se sentirem seguras e acham necessárias formações para melhorar sua prática profissional.

Pensamos que para uma mudança na educação infantil, há de se estender um diálogo permanente com pais, gestores e professores, que visem uma formação adequada, a quebra de preconceitos e incertezas.

A superação da “barreira” agora encontrada pela falta de conhecimento e medo deve ser compreendida como um degrau para o respeito e o desenvolvimento não só das crianças, mas sim, de todos que se beneficiarão com as quebras de padrões estabelecidos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo identificar como os professores da Educação Infantil entre três e quatro da Rede Municipal de Blumenau sentem-se quando o assunto é a sexualidade neste espaço educacional. Posteriormente as análises dos questionários aplicados e conversas, o resultado obtido foi que as professoras não se sentem seguras e tem receio ao trabalhar ou falar de sexualidade no ambiente da educação infantil.

Durante o período compreendido da pesquisa, evidenciamos muitos conflitos e dificuldades: se por um lado acreditam ser a sexualidade parte inerente ao desenvolvimento da criança; não veem razão para que, atividades ou o tema seja discutido nos Centros de Educação Infantil.

Expressou-se em muitos momentos a falta de conhecimento científico tanto na grade curricular do curso de licenciatura ou em cursos oferecidos pela prefeitura. Não entender e compreender a sexualidade gera o desconforto e a inoperância do professor: sem ação ele não conduz as situações vivenciadas de maneira apropriada, dificultando o processo natural da sexualidade da criança, o entendimento dos pais e o seu próprio.

As intervenções por parte dos professores são superficiais ou inexistentes; é como se o assunto ocorresse de forma velada: tirar o foco da criança, repassar para a direção e esta encaminhar para a psicóloga ou nada fazer.

Os Centros de Educação Infantil, juntamente com a Secretaria Municipal de Educação devem organizar materiais didáticos e palestras para fomentar e agregar conhecimentos a temática, visando o aperfeiçoamento do professor e consequentemente estende-los as famílias para propiciar uma prática que seja reflexiva e intencional.

Professores bem preparados e qualificados enfrentam os preconceitos de maneira segura e são aptos a repassar conhecimento com profundidade teórica, sem dogmas e moralismos, necessários neste caso. Ampliar as visões a cerca da sexualidade, entendendo cada momento, cada família que está se formando na sociedade, é contribuir para a qualidade de ensino, para a desmitificação de tabus e o desenvolvimento saudável das nossas crianças.

Sugerimos as professoras participantes do questionário alguns filmes e livros utilizados também neste trabalho; para promover debates entre seus pares e nas suas respectivas instituições, ampliando as possibilidades para juntas optarem qual a melhor forma de conduzirem o que está. Consideramos ser este o primeiro passo para instigar cada professora a pensar além do que carrega dentro de si, o senso comum que normalmente todos partilham.

Acreditamos que a partir deste trabalho, atingimos a meta que pretendíamos: trazer a fala das professoras de educação Infantil quando o assunto é sexualidade. Revelamos a real situação que passam quando o tema se faz presente nos CEIs e consequentemente o quanto precisamos caminhar para construir uma visão de educação sexual para além dos preconceitos.

Esperamos que muitas outras pesquisas sejam realizadas sobre a sexualidade na educação infantil, pois é na infância que contribuimos para a formação de um ser integral livre de amarras e intolerâncias. Assim, com este artigo, não é nossa intenção esgotar o assunto, mas pretender instigar muitas outras pesquisas. Há muito que agregar; compartilhar e descobrir.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as professoras participantes da pesquisa, que sem receio, se dispuseram a conversar sobre a temática e despiram-se dos medos e receios. A orientadora Magda Tânia Martins da Silva que contribuiu de forma generosa as ideias relatadas aqui. Também agradeço a Universidade Federal do Paraná que ao oferecer este curso, propiciou em mim a quebra de tantos tabus.

## **REFERÊNCIAS**

BARRETO, A; ARAÚLO, L; PEREIRA, M.E (orgs.). **Caderno de Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de Conteúdo. Rio de Janeiro; CEPESC, 2009.

BAZÍLIO, L.C; KRAMER, S. **Infância, Educação E Direitos Humanos**. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BLUMENAU. **Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação Básica**. v.1. Secretaria Municipal de educação; Prefeitura de Blumenau/SEMED. 2012.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Convívio Social e Ética; Orientação Sexual e Meio Ambiente**. Brasília, 1995.

FARIA A.L. G de; PALHARES, M.S (orgs). **Educação Infantil Pós LDB: Rumos e Desafios**. 5ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FREIRE, Madalena. **Educa a Dor**. 1ª Ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 39ª Ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

GUEBERT, M.C.C. **A Identidade e Autonomia em crianças de 0 a 5 anos: Abordagem sistêmica**. Curitiba: Pró-Infantil editora, 2008.

JORNAL DE SANTA CATARINA, 2015 Câmara de Vereadores de Blumenau aprova Plano Nacional de Educação. 09/07/2015. Página consultada em 29/12/2015. Disponível em:  
<http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2015/07/camara-de-veredores-de-blumenau-aprova-plano-municipal-de-educacao-4798762.html>

MINAYO, Maria. C. de S. **O Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec Ltda., 1992.

NUNES, C; SILVA, E. **A Educação Sexual da criança: Polêmicas do nosso Tempo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

ORRÚ, SILVIA E. **A educação para todos e a formação de professores** In: Temas Interdisciplinares na Educação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

PARO, V. **A educação como exercício de Poder: Crítica ao senso comum em educação**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

VIGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007.

VITIELLO, N. Sexualidade: **Quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores**. São Paulo: Iglu, 1997.

